

---

## INTRODUÇÃO

---

O Seminário Permanente em Estudos Africanos enquadra-se nas atividades de disseminação cultural e científica do CHAM – Centro de Humanidades. Este seminário procura situar-se no contexto do tema *Fronteiras* e responder à necessidade identificada pelo CHAM de intensificar a sua intervenção específica sobre a África contemporânea. Cumpre também requisitos interdisciplinares e propõe-se reforçar relações de trabalho entre diferentes grupos de investigadores do CHAM e da NOVA FCSH, bem como acolher estudiosos de outras instituições.

Propomo-nos estudar e divulgar temas referentes a África no quadro das suas realidades sociais, culturais, artísticas e literárias. Sendo sobejamente debatido hoje o papel estratégico do continente africano no quadro mundial, procuraremos ter um papel relevante na sua divulgação e estudo, dando nomeadamente continuidade a trabalho em curso neste contexto.

Colocamos um foco particular na intensa produção cultural que tanto África quanto as suas comunidades na diáspora vêm apresentando e que é tantas vezes desconhecida.

A dinamização das nossas atividades neste quadro faz-se em estreita relação com instituições académicas africanas ou que trabalham sobre África, grupos representativos de diferentes comunidades no continente e no exterior e criadores singulares.

Os Seminários têm por isso características teóricas e práticas e seguem diferentes modalidades metodológicas. São dirigidos à comunidade académica e ao público em geral.

O presente volume procura responder ao enquadramento disciplinar e metodológico enunciado acima. Trata-se de uma recolha de textos de convidados e autores que conosco têm colaborado e que vêm acrescentando novos dados teóricos e críticos sobre textos africanos, a par da



divulgação e análise de produção nos domínios das artes, educação, história e cultura.

Os três primeiros textos são sobre autores ou obras literárias, o quarto explora conexões entre literatura e etnografia; os dois seguintes são sobre cinema, nomeadamente o filme *A Batalha de Tabatô*; segue-se um trabalho sobre Hip-hop em Cabo Verde e fechamos com o resultado de uma investigação sobre questões educativas em S. Tomé e Príncipe. Esta diversidade disciplinar e de perspectivas é precisamente o que nos move e motiva para futuros trabalhos.

O tema estratégico *Fronteiras*, acima mencionado, está presente neste volume não só na evidência da diversidade disciplinar conseguida, mas também pelo facto de os seus textos interpelarem realidades históricas, sociais e do domínio criativo através de novos lugares de exercício crítico.

O papel da literatura na reavaliação da importância dos espaços urbanos na atualidade constitui precisamente um desses eixos de análise.

Os estudos sobre Literatura e Cidade vêm conhecendo uma progressiva relevância, nomeadamente em alguns contextos africanos. No caso de Angola esta é uma escolha de longa data por muitos autores; boa parte da literatura anticolonial desenvolveu-se em torno das problemáticas e conflitos entre a cidade do asfalto e as suas periferias, as comunidades nelas inscritas, as relações de poder e também, naturalmente, as de natureza económica e de desenvolvimento.

Pepetela, evocado no texto de abertura deste volume, escreve profusamente a partir deste contexto. E revisita-o avaliando criticamente a cidade pós-colonial, essa radical metáfora do capitalismo desregulado e da decadência social. O autor procura resgatar leituras diversas da história passada e presente do país a partir de um lugar crítico associado a crenças locais radicadas em todo o tecido cultural.

E constrói formulações diversas do caos social instalado por força da predominância de elites que não souberam responder às necessidades profundas de mudança que as populações esperavam. É nos contextos que se opõem à cidade, na sua versão institucional, burocrática e decadente, que alguma coisa pode mudar. E as expressões da liberdade ocorrem por

relação com marcos da cultura urbana como *Kinaxixe* e outros lugares adjacentes, em transição, inscritos em modalidades da expressão popular não mediada. Exemplos para os futuros cidadãos e criadores, permitem antecipar revoltas continuadas e reconfigurações políticas.

O mesmo vemos na literatura moçambicana atual. E provavelmente é uma nova poesia que aí encontramos, em construção em alguns casos, consolidada junto de um público fiel em outros. Esta poesia pode ajudar-nos a compreender a que aspiram as novas elites urbanas, o que querem os jovens intelectuais. Ouvindo e lendo as suas próprias palavras, parecem querer por um lado conquistar um espaço parcialmente ocupado por outros, os consagrados, que não renegam, mas também não incensam e, por outro, determinar um processo claro de mudança. E esse será talvez o primeiro indício de que se veem como vanguarda crítica, como grupo com uma identidade marcada por múltiplos cortes e fraturas e por um programa comum, mas radicalmente individualista na criação e constante na análise e revisão da própria produção.

São, como dizem, poetas “do tempo e do pensamento” e isso de algum modo basta para percebermos o quanto destacam o seu lugar na história e, necessariamente, a liberdade de escrever sobre tudo o que é enunciável em Moçambique hoje: “a memória, os sonhos, a paisagem, a guerra, o amor”.

Ora embora aparentemente distante desta realidade, é também isso que Jorge Barbosa, um dos mais amados e lidos clássicos de Cabo Verde, procurava fazer. Reposicionar-se em permanência na história e sociedade cabo-verdianas como intelectual, como autor e como cidadão interventivo. Cronista da cidade, da ilha, do país, definiu ao tempo talvez como nenhum outro a dimensão contraditória do isolamento insular e a imensa oportunidade dessa condição para fazer vingar o interesse externo pela cultura nacional. Não é por isso demais ler sobre ele e relembrar de que modo usou momentos sociais fraturantes para construir um completo arquivo da experiência provisória, que é o que sempre determina a tão propalada insularidade na sua hipótese isolacionista.

Nada compreenderíamos da experiência na literatura se a leitura crítica não se regulasse pela procura constante de relações privilegiadas de

proximidade com a teoria e com as práticas de observação. Teoria literária, antropologia, etnografia, partilham não só muito frequentemente sujeitos e conteúdos, mas também instrumentos de análise e interrogações sobre o que é validável nos lugares móveis das representações.

A dissolução de fronteiras disciplinares é uma tentação com uma longa história, talvez necessária, talvez impossível. Sem as intersecções entre diferentes campos teóricos, de que a Etnografia é certamente um dos exemplos mais relevantes, seria hoje mais difícil falarmos de heteroglossia, de sujeitos marginais da história trazidos para o centro, como autores, como agentes de mudança.

A comunidade de Tabatô, retratada no filme de João Viana, ilustra de forma clara esta ideia. Trata-se de uma aldeia de músicos, “mestres na arte de falar”, ilustres historiadores e recolectores da palavra coletiva. Sabem com toda a certeza que deles depende a sobrevivência de toda uma nação, já que só pela palavra guardada, partilhada no momento certo e acrescentada se pode determinar o futuro.

O caminho do cineasta é próximo daquele que escolhe o antropólogo porque ambos são feitos de observação, descrição, escuta e validação.

O filme *A Batalha de Tabatô* veio obrigar-nos a olhar para a Guiné-Bissau de modo diferente. Porque recupera e relembra a importância para o Mundo daquilo que o Império do Mali constituiu em termos civilizacionais, com as suas múltiplas “Portas”, mas também porque reavalia a condição pós-colonial através de sujeitos e argumentos inesperados e exemplares. O argumento central será certamente a importância da música de expressão coletiva como fator de coesão social, política e histórica. Os *djidius* são guardiões da paz porque dão voz a um processo de cura individual e coletiva com raízes numa filosofia milenar.

Em contradição ideológica com esta realidade, mas coexistindo com ela, temos o caso do *hip-hop*, muito presente na realidade guineense atual, mobilizador da juventude de uma forma que assusta as instâncias políticas.

No caso de Cabo Verde, acentuando a sua natureza de denúncia e reivindicação, este género musical mantém ligações aos arquivos do passado,

mas é também naturalmente espaço de reivindicação identitária, não idealizada, antes marcada pela violência, pela demarcação de um espaço de poder e por “fortes lutas simbólicas de dominação”. Apropriando-se do espaço público, estes jovens demandam uma estratégia de resistência inspirada em episódios de lutas urbanas do passado recente.

A história da colonização e da educação colonial em São Tomé e Príncipe é um outro contexto a ter em conta para a compreensão da herança atual dos modelos repressivos adotados com vista à assimilação religiosa, linguística e cultural. É por isso da máxima importância que muitas das manifestações artísticas contemporâneas se façam com recurso à reposição das línguas nacionais e a modelos de pesquisa e expressão localizados. ■

**ANA MARIA MARTINHO GALE**

CHAM e DEP, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.

*E-mail:* ana.martinho@fcsh.unl.pt